

## A relação homem e natureza: O Contexto Ambiental na Literatura

*Teresinha Gema Lins Brandão Chaves*<sup>1</sup>

RESUMO: As questões relativas ao comportamento da sociedade com seu espaço territorial no Brasil e nos países africanos de língua portuguesa são levantados, pela autora, a partir de obras literárias, demonstrando o papel da literatura para os Estudos Ambientais.

ABSTRACT: This paper will analyze questions concerning the society's behavior with respect to its territorial space in Brazil and in the Portuguese-speaking African countries from the perspective of literary works, by demonstrating the role of literature in environmental studies.

PALAVRAS-CHAVE: Escritores naturalistas; naturalistas escritores; estudos culturais; meio ambiente.

KEY-WORDS: Naturalist writers; writer-scientists; cultural studies; environment.

A obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, marco do Pré-Modernismo, deixou impressas, na literatura brasileira, as formas operacionais dos contextos histórico, geográfico e cultural do sertão brasileiro. Dessa forma, o bucolismo da terra de palmeiras “onde canta o sabiá” e “de verdes folhas a cuja sombra dormia a formosa tabajara”, de Gonçalves Dias e Alencar, dá lugar a uma literatura em que arte e rigor científico se conjugam. Desde seu primeiro capítulo, percebe-se n’*Os sertões* a presença do geógrafo e do escritor Euclides, num constante revezamento na tarefa do fazer literário, usando artisticamente referências geográficas, botânicas e da astronomia do sertão brasileiro, que atestam a sensibilidade e perspicácia do autor e o colocam no rol dos grandes escritores que destacaram a natureza e o homem sertanejo nas interfaces do literário e do cultural.

Portanto, no alvorecer da Modernidade, a literatura brasileira bem como as africanas de língua portuguesa \_ sobre as quais discutiremos neste trabalho \_ face o questionamento dos sistemas de valores instituídos, passam a praticar um modo diferente de interpretar o mundo, que no entender do crítico Salvato Trigo, partiria do “encontro ou do confronto, na língua, de cosmogonias e de ontogonias diversas e específicas aos povos que magnetizarão esse novo ser a que se chama, por comodidade, colonizado” ([s.d], p.17).

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. **Pesquisa:** *Corpo de baile de Guimarães Rosa e diários de viajantes portugueses*. **E-mail:** chavesge@yahoo.com.br

Noé Jitrik, estudioso da “problemática do literário” nos nossos dias, credita aos Estudos Culturais um estatuto de complementaridade com relação aos Estudos Literários, que, para ele, passam a dialogar mais com a história, a antropologia, a sociologia e a política. Segundo o crítico, uma importante contribuição dos Estudos Culturais seria a de reconhecer a literatura como fonte de dados, realizando através dela, “uma justiça simbólica com os grupos reprimidos e os marginalizados pela sociedade” (2000, p. 29-41). “É a voz ausente que se torna presente”, afirma Else Vieira, para quem esse discurso já se encontra estabelecido na América Latina e constitui “prática dialógica da teoria crítica literária com os conceitos operacionais das ciências humanas - cultura, identidade, hibridismo, mestiçagem, memória cultural, nação” (2000, p.13).

Essas interpretações se aplicadas no domínio da literatura brasileira e africanas de língua portuguesa vão permitir uma melhor compreensão e análise das aproximações e distanciamentos, nessas literaturas, da complexa relação homem e natureza.

Partindo do contexto ambiental, sobre o qual nos concentraremos neste trabalho, o deslocamento da análise textual para o conjunto paisagístico das obras literárias nos leva para um campo complexo e interdisciplinar: os *Estudos Ambientais*.

Segundo o geógrafo e professor Jurandy Ross, em seu artigo Análises e sínteses na abordagem geográfica da pesquisa para o planejamento ambiental,

todas as atividades humanas obrigatoriamente tem a ver com o ambiente natural, partindo do pressuposto que o homem também é natureza, por incrível que possa parecer - e que também somos mortais e precisamos de ar, água, terra, vegetais e de outros animais para vivermos.

A “moda do ambientalismo”, afirma, é uma conscientização das sociedades sobre a necessidade de “preservar, conservar, recuperar e explorar a natureza com modernismo tecnológico e com adoção de políticas estratégicas que não vejam somente o hoje, mas que projetem e protejam o futuro” (1995, p.65). Destacamos também, sua visão de que “a natureza tem capacidade de auto-recuperação”. Se dizimada, “para acontecer as regenerações espontâneas (...) é preciso duas condições básicas: - tempo e trégua”. Por maior que seja a interferência do homem, sua essência se mantém intacta, desde que “se planifique seu uso e aplique tecnologias que respeitem seus limites” (p.66). Por último, lembramos dos dois pressupostos que, em seus estudos e publicações sobre a Geomorfologia Ambiental, considera como básicos para o estudo da relação natureza e

sociedade - primeiro, as sociedades humanas com seus modos de produção, consumo, padrões sócio-culturais e segundo, os modos como se apropriam dos recursos naturais e como tratam a natureza. Conforme conclui, o grau de complexidade dos estudos ambientais são proporcionais à “intensidade dos vínculos internos e externos” que uma determinada sociedade mantém com um determinado espaço territorial. Se levarmos em conta os “aspectos culturais, históricos, sociais, econômicos e naturais” dessa sociedade é possível compreender o passado, traçar os limites do presente e projetar o seu futuro (1998, p.351-352).

Pois bem, dentro dessa perspectiva, os estudos ambientais vêm romper fronteiras disciplinares e estabelecer contatos com várias áreas do conhecimento, emprestando e tomando o empréstimo de suas experiências e procedimentos. No âmbito da natureza, declara Ross,

As pesquisas devem abranger os campos disciplinares da geologia, geomorfologia, pedologia, climatologia, recursos hídricos, flora e fauna. Já, no campo da sociedade, as pesquisas devem envolver os temas da história da ocupação, da demografia, condições/qualidade de vida, uso da terra, economia, legislação, estruturação do espaço regional e urbano entre outros” ( 1995, p.67).

Contudo, tal pluralidade de canais se faz mais interessante, quando temos a literatura como fonte documental ética e estética da relação sociedade e meio ambiente.

Segundo os estudiosos das mudanças da crítica literária atual, uma das contribuições que os Estudos Culturais vêm emprestar à literatura é a de conferir à palavra um caráter documental, além de requerer um diálogo da epistemologia local com a agenda crítica internacional, que, sob determinados aspectos amplia sua gama de linguagens. Ademais, apontam como eixo formador do tecido compositório do literário e do cultural as fronteiras fluídas entre o espaço privado e o público, entre o literário e as ciências humanas, entre o estético e o ético (Cf. VIEIRA, 2000, p.13-19). Portanto, na coexistência do textual e do contextual a literatura se estabelece como instituição cultural interdisciplinar capaz de revelar: a) o vivido, o imaginado, o observado, o projetado e o experimentado num determinado momento histórico; b) o comportamento individual e coletivo de uma sociedade com o seu espaço territorial; c) os detalhes paisagísticos ora como cenários, ora como protagonistas da “Natureza-espetáculo” e da “Natureza histórica”<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Sobre a Natureza-espetáculo e Natureza Histórica ver SANTOS, Milton, 1994, p.24.

Enfim, a arte literária permite a interpretação dos aspectos políticos, históricos e culturais de uma sociedade. Sua apropriação, indagação e decodificação, pelo contexto ambiental, vêm constituir mais um parâmetro para uma análise e possível diagnóstico e prognóstico tanto para as ações intervencionistas quanto para as protecionistas dos meios naturais.

### **O útil e o belo: naturalistas escritores e escritores naturalistas**

A relação do homem com o mundo natural inserida num campo discursivo, onde é possível a atuação tanto do artista quanto do cientista, concede ao texto de cunho ecológico vigor para transpor os limites históricos e temporais. É o que se verifica nos trabalhos produzidos sobre a paisagem do Brasil. Desde seu descobrimento, seu extenso território e rica biodiversidade atraíram diversos olhares. Ficou conhecido, foi classificado e descrito de diversas maneiras através de tratados, diários, narrativas, dissertações, em várias partes do mundo. Poucos descobrimentos geográficos foram tão documentados. As três primeiras narrativas sobre a terra descoberta - a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, a *Relação do piloto anônimo* e a *Carta de mestre João Farás* - já procuravam realçar não só a riqueza geográfica da terra, com seu bom ar, céu austral, como também a aparência física de seus habitantes. Ao longo de sua história, muitos estrangeiros estiveram em expedições científicas pelo país e produziram uma literatura de viagem que nos leva a refletir sobre as estreitas relações existentes entre os lugares culturais ocupados pelos discursos da ciência e da literatura. Percebe-se nesse caso, que o observador “de fora” relata os resultados de seu trabalho de campo, sem, contudo, deixar de privilegiar o lado poético das paisagens. A passagem abaixo, extraída do diário de Darwin, quando de sua excursão pelas florestas ao redor da cidade de Salvador, comprova:

Satisfação é um termo fraco para exprimir os sentimentos de um naturalista que passeia só, numa floresta brasileira, pela primeira vez. Entre a quantidade de coisas notáveis estão os luxuriosos capins, a novidade das plantas parasitas, a beleza das flores, o rico verde da folhagem. Tudo enche de alegria. A mistura mais paradoxal de sons e silêncio penetra nas partes sombrias do mato. O ruído dos insetos é tão alto que pode ser ouvido até num navio ancorado a várias centenas de jardas da praia; contudo, dentro dos recessos da floresta, parece reinar um silêncio absoluto. Para quem gosta da história natural, um dia assim traz um prazer tão profundo que dificilmente se pode esperar ter outro (Apud LEITE, 1997, p.208).

Frederick Hartt, outro naturalista que esteve no Brasil em cinco expedições científicas no século XIX, ao visitar o Corcovado, deixa em seu diário, as marcas do lado sensível do trabalho científico:

... Se o geólogo possuir uma alma, algum gosto pelo belo, não encontrará um cenário mais capaz do que esse para, no meio mesmo de sua fria análise dos elementos topográficos e geológicos, impressionar-lhe como uma obra de arte. Não conheço cenário que mais me tenha impressionado - não só como observador científico, mas também como homem - do que esse que das circunvizinhanças do Rio se desfruta do alto do Corcovado. Há nele mil aspectos de observação e estudo... quem pode mentalmente rememorar todas as leis geológicas e climáticas, todas as leis naturais, enfim, que determinam a beleza e a utilidade desse cenário - quem contempla tudo isso e não sente a sua alma vibrar em homenagem ao Artista cujas mãos modelaram os continentes, gravaram esses contornos, espalharam sobre eles o seu manto de vegetação e povoaram-no de seres, não foi além do *abc* e da gramática da sua ciência, nem pode fazer idéia da literatura da natureza (Apud FREITAS, 2002, p.109).

Podemos concluir que no Estudo da Natureza, o cientista descobre a consciência do sublime e o sentido da beleza que estão contidos no sentido de “missão”, a “vocação superior” atribuída por Antonio Candido aos poetas e também presente no trabalho científico dos naturalistas. Segundo Candido, “missão puramente espiritual, para uns, missão social, para outros - para todos, a nítida representação de um destino superior, regido por uma vocação superior”(1981, p.27).

Ao tocarem em questões sociais e políticas, hoje tratadas como ambientais, alguns escritores brasileiros empreenderam uma verdadeira “missão” em defesa do meio ambiente. Conforme Ferreira, em *A percepção geográfica da paisagem do sertão no Grande sertão: veredas*, para os escritores,

o meio ambiente deixa de ser apenas um pano de fundo secundário, recuperando sua importância para o equilíbrio material e psíquico dos indivíduos. Desse modo passa a ser descrito, não como um ponto de partida para as histórias, por meio de uma imaginação pura e simples dos autores, mas, sim, por uma imaginação desenvolvida a partir das observações, diretas ou indiretas, dos próprios escritores da realidade dinâmica e concreta vivenciada no espaço (1990, p.15).

Um processo criativo que antecipa os movimentos mundiais em defesa do meio ambiente - considerando como marco o Clube de Roma (primeira discussão internacional sobre a adoção de políticas envolvendo aspectos ambientais).

Lembremos de Lima Barreto, em *O triste fim de Policarpo Quaresma*, em que o personagem Quaresma tendo como ideal o progresso do Brasil, vê fracassado o seu projeto agrário de desenvolver a agricultura sem implementos artificiais, importados. Estudos ambientalistas revelam, hoje, que se tratando de substâncias químicas de ação ambiental, o Brasil vem se destacando, de forma especial, pelo uso inadequado de agrotóxicos, como o quinto maior consumidor do mundo. Segundo Helenita Custódio, “o resultado da aplicação indiscriminada e excessiva de produtos contaminantes e altamente tóxicos é uma elevadíssima taxa de veneno no sangue da população brasileira” (1995, p.46).

Outro exemplo de produção literária de caráter ambientalista é o artigo *Velha praga*, de Monteiro Lobato. Publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 12 de novembro de 1914, é “um verdadeiro ensaio ecológico, um grito de alerta do fazendeiro Monteiro Lobato diante das queimadas tão freqüentes no nosso interior”, afirma Dilma Castelo Branco (1998, p.127). Hoje, os estudos de impacto ambiental reconhecem que o Brasil é “o maior exemplo de destruição de recursos naturais, notadamente de áreas verdes, na América Latina” (1995, p.45) atividade que tem contribuído para o aumento do efeito estufa e o conseqüente aquecimento global. Assim, *Velha praga*, *Urupês*, bem como as histórias infantis ambientadas no sítio “Pica-pau Amarelo”, palco do Brasil rural, foram parte do projeto do escritor de modernizar o Brasil, porque, segundo Dilma, “o seu patriotismo estava estreitamente ligado ao conhecimento da realidade brasileira” (1998, p.127).

Por fim, nosso maior exemplo: Guimarães Rosa. Em sua obra, a natureza exibe suas cores, sua sonoridade, sua linguagem, seus segredos, com toda sua potência. Rosa, para quem “o sertão está em toda parte” (1986, p.1) adota a natureza do cerrado “onde os pastos carecem de fechos”(Ibid.) como modelo e como medida para o equilíbrio ambiental. Conhecedor do potencial da biodiversidade da região e inquieto diante da sua exploração predatória deixa o alerta de que podemos aprender com a natureza o que funciona, o que é apropriado e durável e que é preciso, acima de tudo, respeitar os seus limites. As inúmeras informações sobre a biodiversidade do cerrado (em especial plantas e animais, hoje, em perigo de extinção) revelam seu conhecimento do mundo científico, da ecologia, dos impactos ambientais, das mudanças climáticas e do aquecimento global. Tudo construído em perfeito equilíbrio entre a poética e a cognição, a ciência e a arte, assim como deve ser a relação do homem com a natureza.

Agora, retornamos aos conceitos geográficos, para uma breve incursão no domínio do comparatismo entre a literatura brasileira e de países africanos de língua portuguesa, centrada no contexto ambiental.

Partindo do pressuposto de que os modos de como as sociedades humanas se apropriam dos recursos naturais e como tratam a natureza são determinantes para se dimensionar o grau de instabilidade ambiental e as conseqüentes crises políticas e sociais, podemos buscar na literatura africana os dados para esse dimensionamento. Essa literatura nacional emergida de um extenso e árido processo colonial permite a interpretação dos aspectos históricos e culturais da sociedade e um diagnóstico das ações intervencionistas. A herança deixada pelos colonizadores, para os filhos da África pós-colonial: seu patrimônio natural dilapidado, solo infértil, pobreza e fome, compõem a temática da terra. A floresta, a chana e o deserto manchados de sangue, pelas intermináveis guerras, fogem aos parâmetros geográficos. É o que se observa em *Geração da Utopia*, de Pepetela, em que o “Sábio” se acha confuso ao tentar distinguir a floresta da chana:

Agora, do deserto brotou capim e o deserto se tornou chana. Mas sob o capim há areia. E que é a areia senão o cobertor do deserto? (...) Não será a floresta (...) uma simples ilha, talvez um Mussulo onde coqueiros nascendo da areia procuram com seus penachos acariciar as nuvens? Ou será a chana, prosaicamente, apenas um terreno sem árvores que é preciso atravessar para chegar à floresta ansiada? E ainda mais no fundo, não será vão definir a CHANA? (2000, p.143)

A inspiração naturalista advinda da necessidade de valorização da terra e o sentimento de simpatia e afeição pelo que é nativo assumem uma significação estética e ecológica, notadamente na obra de Mia Couto onde o autor alia sua experiência de biólogo ao processo de composição literária. No romance *Terra sonâmbula*, o personagem Muidinga, menino errante, exilado de guerra em seu próprio país, repara que,

a paisagem, em redor, está mudando suas feições. A terra continua seca mas já existem nos ralos capins sobras de cacimbo. Aquelas gotinhas são, para Muidinga, um quase prenúncio de verdes. Era como se a terra esperasse por aldeias, habitações para abrigar futuros e felicidades. Mas o mato selvagem não oferece alimento para quem não conhece seus segredos. E a fome começa a beliscar a barriga daqueles dois... (1995, p.61).

Bastante significativo e belo é o final da narrativa, em que a escrita se funde com a savana, quando as páginas do diário do menino Kindzu se espalham pelo chão. Conforme o

narrador: “Então as letras, uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos meus escritos se vão transformando em páginas de terra” (p.245).

Novos percursos analíticos, novas aproximações, novas perspectivas podem ser abertas, pelas obras e autores analisados e certamente nos levarão a uma visão mais clara das interfaces do Literário e do Ambiental.

Voltando ao geógrafo quando diz que a natureza tem capacidade de auto-recuperação, mas é preciso tempo e trégua, concluímos com o escritor Luandino Vieira, que numa intertextualidade com a *Dialética da natureza*, de Darwin, metaforiza, através do cajueiro, a dialética social angolana:

em vez de descer no caminho da raiz à procura do princípio, deixem o pensamento correr no fim, no fruto, que é outro princípio e vão dar encontro com a castanha, ela já rasgou a pele seca e escura e as metades verdes abrem como um feijão e um pequeno pau está a nascer debaixo da terra com beijos da chuva. O fio da vida não foi partido (Apud SERRANO, 1993/1994, p.198).

Se o fio da vida não foi partido, para acontecer a auto-recuperação, é preciso que se estabeleça uma cidadania ética e ecológica de valores universais, tendo como “verdadeira fronteira a vida na Terra, sua exploração e a transferência do conhecimento sobre ela para as questões práticas, para as ciências e para as artes”.<sup>3</sup>

## Referências bibliográficas

- CANDIDO ANTONIO. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6ª.ed. Belo Horizonte:Itatiaia, 1981.
- COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 18ª. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- CUSTÓDIO. Helenita Barreira. Legislação brasileira do estudo do impacto ambiental. In: TAUKE, Sâmia Maria (Org.). *Análise ambiental: uma visão multidisciplinar*. 2ª. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1995, p. 45-64.
- DINIZ. Dilma Castelo Branco. Monteiro Lobato: o perfil de um intelectual moderno. In: *Em tese*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2: 125-133, dez. 1998.
- FERREIRA, Solange Terezinha de Lima. *A percepção geográfica da paisagem dos Gerais no Grande sertão: veredas*.(Dissertação de mestrado).São Paulo: Inst.de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.Campus Rio Claro, 1990.
- FREITAS, Marcus Vinicius de. *Charles Frederick Hartt: um naturalista no império de Dom Pedro II*.Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2002.

---

<sup>3</sup> WILSON, E. O., autor de *Biophilia and the Conservation Ethic*.

- JITRIK, Noé. Estudios culturales/Estudios literários. In: PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana Lourenço de L. (orgs.). *Literatura e estudos culturais*. Belo Horizonte: Ed. FALE/UFMG, 2000, p. 29-41.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem: 1803/1900*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- PEPETELA. *Geração da utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 36<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. Análises e sínteses na abordagem geográfica da pesquisa para o planejamento ambiental. In: *Revista do Departamento de Geografia*. São Paulo: FFLCH-USP: 9: 65-75, 1995.
- \_\_\_\_\_. Geomorfologia ambiental. In: CUNHA, Sandra Baptista da; GUERRA, Antonio José Teixeira (Orgs.). *Geomorfologia do Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 351-388.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico científico internacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SERRANO, Carlos. Na raiz das coisas: a formação do jovem escritor ou todos bebemos na mesma fonte. In: *África*. São Paulo: Revista do Centro de Estudos Africanos/USP: 16-17: 195-198, 1993/1994.
- TRIGO, Salvato. *Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira*. Lisboa: Vega, [s.d].
- VIEIRA, Else R.P. Estudos literários e estudos culturais: territórios dos caminhos que convergem. In: PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana Lourenço de L. (orgs.). *Literatura e estudos culturais*. Belo Horizonte: Ed. FALE-UFMG, 2000, p. 9-26.